

IPSIS VERBIS



“ACORDO NA CIMEIRA DE BRUXELAS

➤ “O que certamente acontece é que o Governo polaco não está muito preocupado com o peso dos votos em geral, mas com o seu peso em relação aos maiores estados-membros. Em particular, o Governo polaco poderá concluir que em geral é mais fácil conseguir coligações com estados-membros mais pequenos.”

Daniel Gros, Sebastian Kurpas e Mika Widgren, investigadores do Centre for European Policy Studies, 20 de Junho

➤ “Esta semana os líderes europeus vão discutir os assuntos errados pelas razões erradas. Eles deveriam debater a competitividade europeia, as suas contribuições para as alterações climáticas e o seu papel no mundo em desenvolvimento. Em vez disso, vão discutir onde e como concentrar mais poder em Bruxelas.”

David Cameron, 22 de Junho

➤ “Não há vencedores, não há vencidos. A Europa pôs-se finalmente em movimento. [...] Não era possível deixar de fora o maior país da Europa de Leste menos de 20 anos depois da queda do Muro de Berlim.”

Nicolas Sarkozy, 23 de Junho

➤ “O Tratado Constitucional era um tratado facilmente compreensível. Este é um tratado simplificado que é muito complicado.”

Jean Claude Juncker, 23 de Junho

➤ “Quem quer que leia o que foi acordado em Bruxelas poderá rapidamente compreender que o ‘novo’ tratado é simplesmente a constituição da UE com outro nome. Até tem a forma de uma lista de correcções e emendas ao texto original da constituição. É um documento radical que fundamentalmente altera o texto original da constituição. ‘Substitui e sucede’ ao velho tratado – libertando-se do compromisso alcançado em Maastricht em 1992.”

Neil O’Brien, director do think-tank Open Europe, Daily Telegraph, 25 de Junho

> “Actualmente, a UE detém muitos atributos de uma nação: um parlamento, um supremo tribunal, um passaporte, uma moeda, um hino, uma bandeira, fronteiras externas. Há, contudo, outras peças a inserir no puzzle antes de a UE poder chamar a si uma soberania política.”

Daniel Hannan, deputado conservador britânico, 25 de Junho

> “Ainda que tenham sido feitas concessões simbólicas a alguns estados-membros com o objectivo de facilitar a ratificação do texto acordado, a presidência alemã não só cumpriu a 100 por cento a sua promessa de salvar a ‘substância’ do Tratado Constitucional, como incluiu alguns elementos inovadores referentes à energia e às alterações climáticas.”

José Ignacio Torreblanca, investigador do Real Instituto Elcano, 25 de Junho

> “Finalmente a Europa saiu do seu bloqueio institucional! É esta mensagem positiva que é preciso reter deste Conselho Europeu crucial para o futuro da União. A árvore das revogações e das faltas não deve esconder a floresta de inúmeros avanços obtidos.”

Jacques Barrot, vice-presidente da Comissão Europeia, 30 de Junho

> “Se, como tudo indica, o novo tratado for ratificado sem o voto popular, os políticos poderão congratular-se por terem conseguido infiltrar pela porta de trás aquilo que não foram capazes de introduzir pela porta da frente. É um triste fim para uma década em que inúmeros esforços foram feitos para aquecer o entusiasmo tépido dos europeus pela União.”

***Economist*, 30 de Junho**

“INÍCIO DA PRESIDÊNCIA PORTUGUESA

> “O principal desafio consiste, evidentemente, em retomar o processo de reforma dos Tratados. O acordo alcançado no último Conselho Europeu traduziu-se num mandato claro e preciso como sempre Portugal considerou necessário. [...] O nosso objectivo é claro: não perder a dinâmica do acordo alcançado em Bruxelas e aprovar o mais depressa possível um novo Tratado para a União Europeia.”

José Sócrates, na apresentação das prioridades da presidência portuguesa perante a Assembleia da República, 26 de Junho

> “José Sócrates resumiu a presidência portuguesa em quatro palavras: tratado, Brasil, África, agenda de Lisboa.”

Teresa de Sousa, 1 de Julho

➤ “A cimeira de Lisboa tem de se realizar e é imperativo que seja bem sucedida.”

Omar Konaré, presidente da comissão executiva da União Africana, 3 de Julho

➤ “Portugal herda um contraste que dificilmente poderia ser maior entre os valores da UE e as ambições globais de direitos humanos.”

Do programa da Amnistia Internacional para a presidência portuguesa, 6 de Julho

➤ “Não deixa de ser curioso que a primeira cimeira [UE-África] tenha sido com uma presidência portuguesa e que tenha sido preciso uma segunda presidência portuguesa para isso voltar a acontecer. Isso revela um profundo desinteresse da Europa, e não falo das relações pós-coloniais, em relação ao continente africano.”

António Guterres, 8 de Julho

➤ “Partimos para este exercício com confiança.”

Manuel Lobo Antunes, secretário de Estado dos Assuntos Europeus, na véspera da apresentação de um projecto de novo tratado europeu em Bruxelas, 22 de Julho

➤ “Ninguém pede a Sócrates, nem à ‘Europa’, uma política de virtude. Só que há limites para a duplicidade e a desvergonha e Mugabe é, com certeza, um deles. Excepto se ele ficar quieto no Zimbabwe, a cimeira será um fracasso”.

Vasco Pulido Valente, 24 de Agosto

➤ “A responsabilidade da presidência portuguesa é garantir que vamos agir responsabilmente, para não sermos ultrapassados pela dinâmica da questão. É óbvio que corremos riscos. Mas o maior risco é não ter unidade [entre todos os estados-membros] nesta matéria.”

Luis Amado, referindo-se ao impasse relativo ao estatuto final do Kosovo, na cimeira de ministros dos Negócios Estrangeiros da União, em Viana do Castelo, 8 de Setembro

“CRISE NO PAQUISTÃO: O ASSALTO À MESQUITA VERMELHA

➤ “Os sérios impactos da política de acomodação praticada pelo Presidente paquistanês general Pervez Musharraf relativamente aos Taleban e aos seus apoiantes extremistas no Paquistão foram dramatizados pelos confrontos entre as forças de segurança e os extremistas islâmicos na Lal Masjid (Mesquita Vermelha) em Islamabad.”

Gareth Porter, jornalista americano, 10 de Julho

➤ “A actual crise não foi gerada pelo clero radical antiocidente mas por uma revolta contra a constante violação da lei e da constituição. Os manifestantes são advogados e outros representantes da sociedade civil moderna que estão frustrados com o regime quase ditatorial de Musharraf ao longo de oito anos.”

Frederic Grare, investigador do Carnegie Endowment for International Peace, 10 de Julho

> “A crise da Mesquita Vermelha em Islamabad foi resultado da acção paquistanesa, levada a cabo por razões paquistanesas. Futuros governos paquistaneses, civis ou militares, tomarão as mesmas acções, pelas mesmas razões – e não como um desejo de Washington. Os presidentes americanos, é claro, podem tentar influenciar o Paquistão, mas, por razões óbvias, eles não querem que o Governo paquistanês cometa o suicídio em seu nome.”

Anatol Lieven, 12 de Julho

> “O Presidente Musharraf já escapou a três atentados, todos levados a efeito por elementos com um pé, se não todo o corpo, no aparelho repressivo do Paquistão, e pode ser eliminado a qualquer momento”.

General Loureiro dos Santos, 15 de Julho

> “O Paquistão está a enfrentar uma crise profunda, que começou há cerca de 50 anos atrás. [...] Quatro ditaduras militares, mais recentemente o general Zia-ul-Haq e o general Pervez Musharraf, têm governado a minha nação ao longo dos últimos 32 anos, alternando com governos civis eleitos que nasceram da intervenção dos serviços secretos militares. A democracia nunca teve hipótese de singrar no Paquistão.”

Benazir Bhutto, 24 de Julho

> “[...] enquanto [Musharraf] coopera com os Estados Unidos enviando tropas para atacar a Al-Qaida nas montanhas, outros ramos da segurança do Paquistão apoiam activamente os Taleban. Isto deixa os Estados Unidos numa situação absurda: os EUA dão cerca de um bilião de dólares por ano ao Paquistão, principalmente para ajuda militar, parte do qual vai parar aos Taleban.”

Philip H. Gordon, 7 de Agosto

“ELEIÇÕES NA TURQUIA

> “A campanha eleitoral demonstrou que a saúde da democracia turca não precisa tanto da Europa como muitos julgam. E ainda bem, porque as democracias fortes têm de assentar em pilares internos e não em ajudas externas.”

João Marques de Almeida, 22 de Julho

> “Kemal Ataturk fez nos anos de 1920 a segunda ocidentalização da Turquia (a primeira foi iniciada ainda no Império Otomano, no século XIX). Hoje o modelo está esgotado.”

Jorge Almeida Fernandes, 22 de Julho

➤ “As eleições de 2002 foram a primeira revolução silenciosa civil na Turquia. A nação excluiu do Parlamento todos os partidos corruptos e optou pelo AKP. Por esta altura as pessoas dão a saber que não aprovam memorandos militares e manifestações que criem polarizações entre as massas com sensibilidades religiosas e os secularistas.”

Ilnur Cevik, analista político turco, 23 de Julho

➤ “As eleições de domingo foram uma vitória para a democracia num país de maioria muçulmana no Médio Oriente. Mas terá sido uma vitória para o bom senso e moderação? Talvez os eleitores turcos ainda não saibam isso.”

Amir Taheri, jornalista iraniano radicado em Londres, 24 de Julho

➤ “A vitória incontestável do AKP significa que a república turca originalmente moldada como um Estado secular por Kemal Ataturk em 1929 está morta. Contudo, isto não significa necessariamente que a Turquia se vá tornar um país islâmico.”

Barry Rubin, analista israelita de relações internacionais, 24 de Julho

➤ “Os turcos aprovaram o governo de Recep Tayyip Erdogan, que pretende continuar a pressionar para a entrada da Turquia na União Europeia. Expressaram também o apoio aos movimentos populares e religiosos que suportam a base eleitoral do AKP. Neste sentido, o voto rejeitou, implicitamente, os valores republicanos e seculares estabelecidos em 1923 por Kemal Ataturk.”

William Pfaff, 25 de Julho

➤ “O que permanece incerto na Turquia depois das eleições é a natureza e o futuro da democracia turca, se as suas características repressivas e discriminatórias serão removidas gradualmente ou se, pelo contrário, serão reforçadas por uma revitalização impopular e severa do activismo militar.”

Richard Falk, 8 de Agosto

➤ “O sucesso de Abdullah Gül ao tornar-se o novo Presidente da Turquia é uma vitória para a democracia. Mas é um corte com o secularismo, pois reflecte exactamente a nova força dos eleitores islâmicos e conservadores do coração da Anatólia à custa das cidades seculares.”

Bronwen Maddox, editora para assuntos internacionais do Times, 29 de Agosto

Citações recolhidas por Carmen Fonseca e Pedro Aires Oliveira

FONTES:

Centre for European Policy Studies, Daily Telegraph, Daily Times (Paquistão), Diário Económico, Diário de Notícias, Economist, Guardian, IHT, Le Figaro, New Anatolian, Portal da Presidência Portuguesa da UE, Público, Times, Today's Zaman (Turquia), Washington Post, YaleGlobal.